



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO/2006

**A NOÇÃO DE LUCRO: O DISCURSO ECONÔMICO E SUA
REPRESENTAÇÃO A PARTIR DE CRIANÇAS VENDEDORAS**

Zilma Assad Suleiman Othman
Universidade Federal do Paraná
CAPES

Tânia Stoltz
Universidade Federal do Paraná

Resumo: Estudos voltados ao desenvolvimento do conhecimento social só recentemente vêm considerando o problema da noção de lucro na compreensão do sistema econômico. A sociedade onde a criança está inserida é complexa, repleta de regras e valores. No meio dessas dificuldades encontra-se a noção de lucro. O lucro é um conceito complexo e pelos estudos realizados até o momento verificou-se que há uma grande dificuldade para a criança de entendê-lo. Este trabalho tem como objetivo verificar como a criança vendedora imersa na sociedade capitalista, faz a representação do discurso sobre o lucro e o que a não compreensão deste discurso implica. Sua importância está no conhecimento de fatores que intervêm no processo de compreensão da criança trabalhadora de rua da noção de lucro. O estudo é qualitativo de caráter exploratório e inclui um levantamento bibliográfico e uma pesquisa de campo com 20 crianças trabalhadoras de 6 a 13 anos nas ruas da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. Este breve contato com as crianças trabalhadoras nos deram algumas indicações de que a experiência com o mundo do trabalho certamente influencia na obtenção de conhecimentos de como funciona a economia. No entanto, o discurso econômico vigente não é suficiente para o desenvolvimento da compreensão do sujeito. Esta passa pela atividade de representação do sujeito deste discurso. A não-compreensão da noção de lucro implica em uma maior exploração. Compreender um dos conceitos centrais do mundo econômico é fundamental para a inclusão social e para o exercício da cidadania.

**A NOÇÃO DE LUCRO: O DISCURSO ECONÔMICO E SUA
REPRESENTAÇÃO A PARTIR DE CRIANÇAS VENDEDORAS**

Zilma Assad Suleiman Othman
zilmassad@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná
CAPES

As cidades com seu desenvolvimento acelerado têm aprofundado suas diferenças sociais seguindo muitas vezes por um caminho perverso de exclusão e discriminação social. A valorização excessiva do trabalho como solução para os problemas sociais faz com que as pessoas achem que o trabalho é bom para as crianças (sobretudo se essas pertencem a famílias pobres), tornando o trabalho infantil tolerado pela sociedade. O indivíduo que começa a trabalhar cedo, contudo, acaba tendo mau desempenho na escola e no futuro se torna um adulto despreparado para competir no mercado de trabalho.

Este estudo insere-se na problemática do conhecimento do mundo social. Sua importância está no conhecimento de fatores que intervêm no processo de compreensão da criança trabalhadora de rua da noção de lucro. Tem-se como objetivo verificar como a criança vendedora imersa na sociedade capitalista, faz a representação do discurso sobre o lucro e o que a não compreensão deste discurso implica.

As crianças não trabalhadoras pesquisadas, apesar de inseridas num mundo capitalista, onde o comércio e o lucro são evidentes, não conseguem entender este mecanismo, inclusive o ignoram (STRAUSS, 1952; DANZINGER, 1957; FURTH, 1976; JAHODA, 1983; BERTI e BOMBI, 1988; DELVAL, 1990, DELVAL e ECHEÍTA, 1991, DELVAL e PADILLA, 1999, DELVAL, 2002). Isto nos faz pensar que, se o ambiente fosse suficiente para a compreensão da realidade, estas crianças deveriam ter entendido o funcionamento do lucro mais cedo. O que percebemos é que há componentes próprios do desenvolvimento da criança que são fundamentais para que este aprendizado se realize. “Si el niño aprendiera a comprender la realidad social simplemente por la presión del ambiente, si sus ideas no tuvieran un fuerte componente de construcción propia, entenderían ideas como la de ganancia mucho antes”. (DELVAL e PADILLA, 1999, p.135).

Algumas questões nos angustiam: como será que a criança vendedora entende a noção de lucro que é a essência do sistema capitalista? Teriam estas crianças uma compreensão mais precoce da noção de lucro por estarem inseridas numa atividade que as ligam com esta noção? Teriam as crianças que vivenciam a atividade de venda a compreensão mais precoce da noção de lucro?

ESTUDOS SOBRE A COMPREENSAO DO LUCRO

Os crescentes ajustes econômicos causados pela globalização da economia, a modernização tecnológica na produção, têm colocado a família brasileira em acelerado processo de empobrecimento. “Estabelece-se, assim, nova divisão de trabalho, mas não só entre homens e mulheres, mas entre adultos e jovens, o que altera as relações de poder intrafamiliares” (CARVALHO, 1995, p. 14). O trabalho para a maioria das famílias pobres que em geral é informal, resulta em pequenos ganhos e sem vínculo empregatício.

Embora a Constituição Federal (BRASIL, 2000) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) proíbam o trabalho infantil, as dificuldades econômicas das famílias das crianças e a tolerância de boa parte da sociedade pelo uso da mão-de-obra infantil, contribuem para a exploração do trabalho da criança. Os interesses do mercado também contam, já que grande parte dessas crianças, está na rua realizando pequenos serviços. “Entre os diversos fatores que contribuem para o rebaixamento dos custos do trabalho nos países em desenvolvimento está o trabalho infantil. Um posto de trabalho ocupado por uma criança substitui o de um adulto cuja remuneração seria certamente superior à da criança”. (VEIGA, 1998, p.31).

Na sociedade capitalista, a inserção precoce no trabalho dos filhos da classe trabalhadora e excluída, como forma de prevenir o ócio e a marginalidade, aparece como estratégia socializadora que é facilmente aceita pelos setores dominantes. Por outro lado, para os excluídos, além dessa imposição de classe, o trabalho também se constitui como fator vital de sobrevivência e construção de sua identidade. RIZZINI, RIZZINI E HOLLANDA (1995, p. 31) referem que “o envolvimento precoce no mundo do trabalho era usual no século XIX sob o argumento de que era preciso moldar desde cedo o caráter da criança, habituada ao suor dignificante que só o trabalho proporcionaria (...)”.

Com o agravamento da crise social e da distribuição de renda no país, a partir dos anos 60, a população que vivia nas ruas nos centros urbanos cresceu sistematicamente. Esta situação pouco mudou nas décadas seguintes.

(...) a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo

infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não-governamentais ou pelas autoridades, e aquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa. O mundo do qual a “criança deveria ser” ou “ter” é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes sobrevive... (PRIORE, 2000, p. 8).

No mundo do capital, a forma como a sociedade se organiza é confusa e complexa para os pequenos. A política, a religião, a família, a economia, o país entre outros são fenômenos sociais que a criança vai compreendendo lentamente.

A capacidade intelectual da criança vai se desenvolvendo lentamente a partir da sua interação com a sociedade e formando a base para que esta compreenda o mundo social que a cerca. A sociedade onde a criança está inserida é complexa, repleta de regras, valores, funções e informações. Segundo DELVAL e PADILLA (1999, p. 132), “normas, valores, informaciones y explicaciones son entonces alguns de los elementos que componen los modelos o representaciones que el niño va elaborando sobre el mundo social (...)”, o que torna extremamente difícil para a criança compreender os problemas relacionados a tantos pontos. No meio dessas dificuldades encontra-se a noção de lucro, a qual será o enfoque central desta pesquisa.

Muitas pesquisas já foram realizadas sobre o entendimento de problemas econômicos e constatamos grandes avanços desde os primeiros estudos. Strauss e Schuessler, norte-americanos, na década de 50 desenvolveram vários trabalhos sobre como as crianças reconheciam o dinheiro e algumas transações realizadas com ele e foram os primeiros a evidenciar a idéia de lucro, mas não a estudaram de fato.

Na Austrália, no final da mesma década, Danziger pesquisou num grupo de crianças algumas concepções econômicas para averiguar como estas entendiam algumas relações sociais que envolviam o dinheiro, mas não abordavam a idéia de lucro.

Utilizando o método clínico, Delval, Soto, Fernández e outros, no início da década de 1970, pesquisaram varias crianças com o intuito de examinar alguns pontos referentes a noções econômicas, mas ainda não tinham observado a dificuldade que a criança tem para entender o lucro.

Furth, juntamente com Baur e Smith, em meados da década de 1970 realizaram muitas pesquisas relativas à compreensão do mundo social pelas crianças. Em um desses estudos verificaram como as crianças entendem o dinheiro, mas não deixaram claro o problema do lucro. Só em 1980 é que o lucro foi evidenciado nas pesquisas destes teóricos e tendo por base as fases do desenvolvimento cognitivo de Piaget.

Outro pesquisador, Jahoda, utilizando-se de diversas técnicas, também investiga, no fim da década de 70 e início da de 80, a compreensão da noção de lucro pelas crianças. Dentre suas principais conclusões estão: há estágios diferenciados na criança em relação à compreensão de lucro; a criança avança progressivamente no entendimento de sistemas de utilização de dinheiro; a instituição bancária não está inserida na compreensão do lucro, e que crianças trabalhadoras do Zimbábue compreendem o lucro prematuramente, por estarem inseridos na atividade de compra e venda.

Na Itália, nas décadas de 80 e 90, Berti e Bombi, realizaram diversos estudos tendo como problema o dinheiro e sua relação com o trabalho. De acordo com os resultados desses estudos, observaram, diferentes níveis de compreensão da noção de lucro. Em um destes trabalhos, observaram a utilização da lógica e da memória nas crianças para o entendimento do conceito de lucro.

Entre os anos 80 e 90, Delval e seus colaboradores, no decorrer de seus estudos, observaram as dificuldades encontradas pelas crianças na construção da idéia de lucro. Decidiram então pesquisar cuidadosamente esta área.

As pesquisas suscitaram novas questões que Delval e Echeíta propuseram-se a estudar, entre elas “os tipos de dificuldades que os sujeitos encontravam para entender a idéia de lucro” (DELVAL, 2002, p. 198/99). Para tanto, analisaram a “venda como atividade social” e o fato de que “as coisas têm um preço determinado”. Identificaram algumas dificuldades do tipo cognitivo, em que o sujeito não consegue articular idéias pelo excesso de informações e por não entender a matemática.

Em 1992, no México, Delval e colaboradores realizaram uma pesquisa com crianças trabalhadoras e verificaram que as crianças entendiam que precisavam vender o produto por mais, mas não sabiam explicar como o processo acontece.

METODOLOGIA

Esta pesquisa constituiu-se num estudo qualitativo, de natureza exploratória. Utilizamos o método clínico para a coleta dos dados, pois segundo DELVAL (2002, p.67) “é um procedimento para investigar como as crianças pensam, percebem, agem e

sentem, que procura descobrir o que não é evidente no que os sujeitos fazem ou dizem”.

A pesquisa de campo foi realizada nas ruas que compõe o anel central da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. Foram entrevistadas vinte (20) crianças que trabalham como vendedoras, com idade entre seis (6) e treze (13) anos.

A abordagem efetivou-se através do contato direto, no momento em que a criança estava trabalhando. Como estratégia facilitadora, foi-lhe proposta a compra de um de seus produtos em troca da concessão de uma entrevista. A entrevista incluía questões sobre a especificidade da atividade que executava e a compra de um lápis, visando entender como a criança vai compreendendo a noção de lucro, em relação ao seu produto e a um do mercado formal. Após, organizaram-se as informações colhidas nas entrevistas, as quais foram gravadas e transcritas, procedendo-se então a um mapeamento de cada caso.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O trabalho das crianças investigadas faz parte do que denominamos “luta pela sobrevivência”, ou seja, complementa a renda familiar que muitas vezes é a única. Raramente usam o dinheiro para comprar coisas pessoais, enfim, são crianças que enfrentam problemas de sobrevivência. De um modo geral sabem que o preço de venda tem que ser superior ao preço de compra mas não são capazes de explicar satisfatoriamente porque isso acontece. Esse conhecimento configura-se basicamente como mecânico sem reflexão, a partir de uma regra estabelecida na maior parte das vezes pela mãe.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

As crianças estavam vendendo produtos de baixo preço como adesivos, balas, agulhas. Trabalhavam em geral sob o olhar da mãe, irmãos ou vizinhos. Ofereciam o produto com desembaraço e demonstravam ter estratégias de venda para convencer as pessoas.

Na pesquisa foram investigados vinte sujeitos com idade entre 6 e 13 anos. Destes 14 eram meninos e o restante, meninas. Do total da amostra, todos são menores de idade: duas crianças com 6 anos; duas com 7 anos; três crianças com 9 anos; três crianças com 10 anos; duas crianças com 11 anos; três crianças com 12 anos e cinco crianças com 13 anos. Todas moram em bairros ou na região Metropolitana de Curitiba e estão na rua vendendo para sobreviver.

Das crianças entrevistadas, 2 não freqüentam a escola, as 18 restantes freqüentam a escola porém, 8 estão fora da idade-série e a outra parte (10) freqüentam a série correspondente à idade. Eles trabalham no contra-turno aproximadamente uma jornada de 6 a 10 horas por dia e recebem pelo produto vendido entre R\$ 6,00, R\$ 7,00, até R\$ 25,00 por dia.

Dos sujeitos investigados, 9 disseram que a escola ajuda de alguma forma, 5 afirmam que não ajuda e o restante disseram que ajuda um pouco, mas nenhum deles revelou de que forma a escola colaboraria na sua atividade laboral. Em determinados momentos da pesquisa, observamos que aspectos encontrados e vivenciados pelas crianças no seu cotidiano laboral são problemas que para elas não estão claros e que a escola não trata.

Todas as vinte crianças investigadas moram com a mãe e irmãos, tendo a mãe como chefe de família. A maior parte das crianças (13) moram na região metropolitana da cidade de Curitiba e apenas 7 em bairros da mesma. Todos pertencem à classe social baixa e vivem em um meio social com dificuldades de todos os tipos, estão em situação desfavorável a respeito do acesso aos bens da cultura.

A EVOLUÇÃO DA COMPREENSÃO DO LUCRO

Na seqüência retomamos os níveis de compreensão propostos por DELVAL (2002) e os discutimos a partir de nossos resultados.

NÍVEL DE COMPREENSÃO I

Das vinte crianças investigadas dez enquadram-se neste nível. No primeiro nível as crianças só levam em consideração alguns aspectos muito presentes à sua percepção e não entendem os processos que levam a compreensão do processo de lucro.

Elas explicam apenas os aspectos visíveis da transação, como a troca entre a mercadoria e dinheiro, mas não sabem explicar o porquê. Isto é, explicam o que é percebido claramente, ainda não inferem sobre os processos ocultos. Não entendem o papel do dinheiro no processo de compra e venda, apenas sabem que ele é preciso, mas não sabem explicar como se dá este processo.

As crianças nesta fase fazem tudo exatamente como se deve a nível de conhecimento prático mas não percebem os conflitos entre o que fazem e o que dizem. O conflito desempenha um papel importante na construção do conhecimento. A partir de Piaget sabemos que os sujeitos que não evidenciam conflito algum progridem menos do que os que tomam consciência das contradições e entre os esquemas e buscam soluções de compromisso para superá-los.

Por basearem-se apenas no visível, as crianças não entendem os processos que ocorrem ocultamente, mas que são de fundamental importância para a sistematização de conhecimento. A idéia que apresentam de que na compra e venda o vendedor deve ganhar, se dá porque é algo normal a esta prática.

O valor da mercadoria pode variar de acordo com a vontade do vendedor, ele tanto pode vender por um preço maior do que pagou como por um menor. O que determina esta ação é o desejo do vendedor. O valor da mercadoria também pode ser regido por uma norma moral, isto é, o lojista não deve praticar um preço muito alto porque as pessoas não poderiam comprar.

Um ponto relevante neste estágio é que para as crianças não existe falta das coisas, pois não concebem a idéia de que a mercadoria pode acabar na loja.

Este se configura como o nível mais básico de compreensão. Evidencia-se normalmente até 8-10 anos de idade, mas pode manifestar-se mais tarde. Observa-se que a seqüência dos níveis se mantém, mas a idade pode variar.

Na nossa pesquisa constatamos que criança, com idade suficiente para estar num nível mais avançado dão respostas erradas, demonstrando que não raciocinam de forma correta e não entendem o processo do lucro. Este fato nos intrigou muito e várias questões surgiram: seria a defasagem escolar que interfere no entendimento do processo? Seria a falta de necessidade de entender o processo? Seria a não reflexão sobre o processo?

Cássia (13,4) Quanto você acha que ele pagou, se ele vendeu a R\$ 0,05? *R\$ 0,05 centavos então ele pagou.* Ele pagou R\$ 0,05 também? *Eu acho.* Ele pagou R\$ 0,05 e vendeu por R\$ 0,05, ele ganhou dinheiro com isso? *Ganhou.* Ele comprou por R\$ 0,05 e vendeu por R\$ 0,05, ele ganhou dinheiro? *Ganhou.* Um menino falou pra mim que quando compra por R\$ 0,05 e vende por R\$ 0,05 ele não ganha dinheiro. *Mas ele falou pra mim que ele ganhou. Ele falou que ganha.* É, mas se você compra a cartelinha por R\$ 0,25 e vende por R\$ 0,25 você ganha dinheiro? *Não ganho.* E o dono do mercado, se ele compra o lápis por R\$ 0,05 e vende por R\$ 0,05, ele ganha? *É ganha, mas é porque ele sempre vende por R\$ 0,05, então ele ganha porque ele compra igual...* Você acha que era melhor pra ele vender por mais de R\$ 0,05 *Ele tem que vender por R\$ 0,50.* Ele tem que vender por 0,50? Ele paga R\$ 0,05 e tem que vender por R\$ 0,50? *(balança a cabeça afirmativamente)* Então é melhor pra ele vender a mais do que R\$ 0,05? *É.* Ou é melhor pra ele vender por menos de R\$ 0,05? *É melhor pra ele vender por mais.* Por que? *Porque.. porque sim.*

NÍVEL DE COMPREENSÃO II

Das vinte crianças investigadas cinco enquadram-se neste nível. Em um segundo nível começam a entender processos que tem relação com o tempo. Ocorre aqui o aprendizado de que tudo se dá num processo, que é preciso trabalhar para poder reunir dinheiro.

Nesta fase os processos não-visíveis das transações econômicas começam a figurar-se, as crianças conseguem inferir coisas que não são dadas claramente, mas que subjazem ao processo de compra e venda, isto é, o vendedor deve vender por um preço superior ao que pagou porque precisa ganhar, pois caso contrário perderia dinheiro.

Lentamente os conflitos vão surgindo, elas percebem que há algo errado na sua forma de pensar. Então param, refletem sobre o que dizem e mudam de opinião. Começam a criticar a ação do vendedor por praticar preços altos demais.

Nesta fase já entendem que as mercadorias podem acabar e que são adquiridas em outros lugares específicos. Tem uma melhor compreensão da diferença entre preço de compra e venda, entendem que o vendedor deve ganhar com o seu trabalho.

O conflito surge agora, a criança percebe pontos que antes não percebia pontos estes que são invisíveis como os papéis sociais, a busca pela mercadoria que acabou. Esta percepção é importante porque faz a criança refletir sobre seus conflitos e a leva a uma mudança na compreensão do mundo econômico.

Jonatam (9,5) E quanto que você pagou o lápis que você comprou? R\$ 0,50. E quando ele vende a este preço, ele ganha dinheiro ou ele perde? *Ele ganha*. E quanto tu acha que ele ganha? *Acho que ele ganha é.. R\$ 0,20*. Ele poderia vender por menos de R\$ 0,50? *R\$ 0,50? Sim*. Mas se ele vender por menos ele não tá perdendo? *Não (balança cabeça negativamente)*. Mas ele ganharia assim... ele vende por R\$ 0,50 e pagou R\$ 0,20, se ele vendesse por R\$ 0,10 estaria ganhando ou perdendo? *Perdendo*. E se ele vendesse por mais de R\$ 0,20? *Ele ia tá ganhando*. Então o que é melhor pra ele vender por mais ou vender por menos? *Por mais*.

NÍVEL DE COMPREENSÃO III

Das vinte crianças investigadas cinco enquadram-se neste nível. O aumento da coordenação das idéias em sistemas aparece neste nível, o sujeito é capaz não só de inferir sobre o mundo que o cerca, mas também faz deduções próprias, os processos invisíveis fazem parte das explicações da noção de lucro. É aproximadamente na adolescência que os conflitos começam a ficar mais evidentes, uma vez que a visão da realidade é ampliada. Esta passagem envolve uma diferenciação na capacidade de percepção do mundo social.

As crianças percebem o mecanismo do comércio e traçam caminhos coerentes nas suas explicações sobre o mesmo. As regras que antes eram rígidas agora podem ser mais maleáveis, os sujeitos sentem-se à vontade em criticá-las e expõem alternativas para as mesmas.

Sabem claramente que o preço de custo deve ser sempre inferior ao de venda, explicam o motivo dessa diferença sem dificuldade. Criam mundos possíveis partindo de suas inferências do mundo em que vivem. Há uma infinidade de idéias que surgem do exame que fazem do cotidiano. Percebem os obstáculos, que a vida social apresenta e possuem uma vontade própria que lhes impulsiona a cada vez mais buscarem novos conhecimentos.

Yuri (13,4), Mais tua mãe pago R\$ 0,50 no lápis, você acha que o dono da livraria ligou lá no fornecedor e quanto será que ele vai pagar por cada lápis? *Em cada lápis não, ele deve pegar em atacado. Tá mais no atacado de uma forma geral, mas em um lápis quanto você acha que ele paga? Menos de R\$ 0,05*. Você acha que ele paga menos de R\$ 0,05 e vende por R\$ 0,50 para sua mãe? Por que ele faz isso? *Pra ele ter dinheiro pra poder... pra... Oh, pra pagar os funcionários, ainda pagar os impostos, coisas assim do lugar onde ele trabalha e ainda mais ele tem que ganhar em cima disso também*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação da criança trabalhadora se destaca pela exploração da sua força de trabalho. A criança trabalhadora é produzida no sistema capitalista e dela participa ativamente, sendo-lhe negado o direito a proteção integral referendado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, direito a infância, a escola, ao lazer, a saúde e a permanência junto à família.

As atividades desenvolvidas pelas crianças no mercado informal do espaço urbano se fragmentam nas áreas básicas da produção e venda de sua força de trabalho. A sua práxis cotidiana é caracterizada por uma longa jornada de trabalho aliada às condições de vida familiar extremamente difíceis, fazendo com que estas crianças desenvolvam mecanismos de resistência e habilidades tais como: criatividade pela busca da sobrevivência, iniciativa, capacidade de cooperação e partilha, competências necessárias para o seu cotidiano laboral e resistência contra fatores casuais de riscos.

Há indicativos de que estas crianças, pelo trabalho que realizam, têm um conhecimento um pouco mais claro do mundo que estão inseridas, isto é, do mundo econômico, do que crianças que não estão envolvidas nesta atividade. A atividade é importante, porque é o nível mais básico de conhecimento, só que ela por si não basta, o fato de trabalharem tecnicamente não as ajuda a serem mais inteligentes quanto ao processo do que fazem. Basicamente as atividades destas crianças incidem sobre a prática, mas que não estimulam a reflexão para além da prática.

De um modo geral as crianças investigadas sabem que o preço de venda tem que ser superior ao preço de compra, apesar de algumas não serem capazes de explicar satisfatoriamente porque isso acontece. Nestas crianças não há ainda uma lógica interna que o consiga justificar. Algumas têm dificuldade em entender a necessidade de estabelecer a diferença de preço praticada entre os estabelecimentos comerciais e principalmente quando estes se distanciam cada vez mais do universo concreto vivido por ela.

As crianças sabem fazer as operações matemáticas porque nisso elas são requeridas. Às vezes recebem pela venda do produto uma nota de R\$ 1,00, mas em outras recebem notas de R\$ 5,00 ou R\$ 10,00 e precisam fazer a conta para rapidamente dar o troco. Assim são requeridas reflexões, isto confirma o que CARRAHER (1991) diz, que a criança inserida numa atividade prática desenvolve precocemente as

operações matemáticas. Mas entender as operações não significa entender o processo do lucro, pois no caso da maioria destas crianças o preço é determinado pelo adulto e não é discutido com a criança, não são feitas perguntas para que ela pense sobre o processo, apenas é colocado que deve ser assim.

Comparando nossos resultados com outras pesquisas realizadas sobre o lucro, encontramos pontos concordantes com o estudo de Jahoda (1983). Embora utilizando outro instrumento de pesquisa, o pesquisador, analisou crianças trabalhadoras no Zimbabwe e verificou que as crianças que estavam em contato direto com a compra e a venda entendiam mais precocemente a noção de lucro do que as crianças européias, mas a evolução desta compreensão era relativamente igual.

Nas pesquisas realizadas no México (DELVAL, 2003) com crianças trabalhadoras, observou-se que sabem mexer com o dinheiro muito bem e que a maioria entendia a necessidade de vender mais caro do que se compra porque precisam ganhar dinheiro, mas não sabem explicar o porquê, principalmente se esta questão se distanciava da sua realidade. Destacamos ainda que as crianças trabalhadoras de rua com menor idade não entendem a noção de lucro, sabem que precisam cobrar mais, no entanto não sabem explicar o porquê. As crianças mais velhas têm uma melhor compreensão do lucro, mas também apresentam dificuldades de assimilar como tudo isso acontece. De um modo geral eles têm conhecimento sobre o processo, porém a capacidade de dar explicações razoáveis é deficiente devido a inúmeros fatores entre eles a pobreza cultural e a baixa escolaridade.

No Brasil, os dados por nós coletados, assemelham-se muito com os dados já obtidos, nossas crianças também deram respostas evasivas, evidenciando as dificuldades relacionadas com a compreensão da noção de lucro. Percebemos que alguns sujeitos dão o mesmo valor ao preço de compra e venda; tem dificuldades de entender o papel do fornecedor e que o vendedor poderia variar o preço como desejasse. Alguns dizem que o vendedor deve cobrar mais do que pagou, mas não sabem explicar adequadamente. Dessa forma parece-nos que o saber cobrar mais é um conhecimento fornecido pelo meio em que vivem, mas o entender o processo envolve um fator interno que demanda uma construção sobre a reflexão da ação.

Assim, podemos dizer que o envolvimento com uma atividade mecânica, voltada à satisfação de uma necessidade, produz conhecimento prático, o que não indica que a compreensão do processo que levou ao êxito do funcionamento esteja desenvolvida, porque este envolve uma reconstrução interna do sujeito.

Este breve contato com as crianças trabalhadoras nos deram algumas indicações de que a experiência com o mundo do trabalho certamente influencia na obtenção de conhecimentos de como funciona a economia que é um dos eixos do conhecimento social. No entanto, o discurso econômico vigente não é suficiente para o desenvolvimento da compreensão do sujeito. Esta passa pela atividade de representação do sujeito deste discurso. A não-compreensão da noção de lucro implica em uma maior exploração. Compreender um dos conceitos centrais do mundo econômico é fundamental para a inclusão social e para o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

BERT, A. E. ;BOMBI, A. S. (1988) Il mondo economico nel bambino. Firenze: La Nuova Itália. Trad. Inglesa de G. Duveen: The child's construction of economics. Cambridge: Cambridge University Press.

BRASIL. (1990) Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial de 16 de julho, Brasília.

BRASIL, (2000) Ministério do Trabalho e Emprego (TEM), Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) Trabalho precoce: saúde em risco. Brasília: TEM, SIT.

CARRAHER, D. W.; SCHLIEMANN, A. L. D.; CARRAHER, T. N. (1991) Na vida dez, na escola zero. São Paulo: Cortez.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org). (1995) A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez.

DANZIGER, K. (1957) The child's understanding of kinship terms: A study the development of relational concepts. Journal of Genetic Psychology, 91, 213-232.

DELVAL J; ECHEITA, G. (1991) La comprensión en el niño del mecanismo de intercambio económico y el problema de la ganancia. In Revista Infancia y aprendizaje, n. 54, , p. 71-99.

DELVAL, J. (1999) Conhecimento social e desenvolvimento moral. In: Revista Educação. Porto Alegre, ano XXII, n 38, jun. p.121-132.

DELVAL J; PADILHA, M. L. (1999) El desarrollo del conocimiento sobre la sociedad. In: LÓPEZ, F.; ETXEBARRIA, I.; FUENTES, M. J.; ORTIZ, M.J. (Coords) Dezarrlo afetivo y social. Madrid: Pirâmide, p.125-150.

DELVAL, J. (2002) Introdução à prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed.

DELVAL J.; DÍAZ-BARRIGA, F.; HINOJOSA, M.L.; DAZA, D. (2003) Experiência y conocimiento social: um estudio preliminar sobre las ideas de trbajo y ganancia em niños trabajadores mexicanos. Manuscrito inédito.

FURTH, H. G.; BAUR, M. y SMITH, J. (1976) Children's conceptions of social institutions: A Piagetian Framework. Human development, p. 19-374.

JAHODA, G. (1979) The construction of economic reality by some Glaswegian children. European Journal of Social Psychology, 9, 115-127.

_____. (1983) European 'lag' in the development of an economic concept: A study in Zimbabwe. British Journal of Development Psychology, 1, 113-120.

PRIORE, Mary Del (org.). (1991) História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto.

STRAUSS, A. (1952) "The development and transformation of monetary meanings in them child". *American Sociological Review*, 17, pp.275-284. tradicción catellana: Departamento de Psicología Evolutiva y de la Educación, Universidad Autónoma de Madrid.

RIZZINI, I; RIZZINI, I; HOLANDA ,F.R.B. (1995) A criança e o adolescente no mundo do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula.

VEIGA, João Paulo Cândia. (1998) A questão do trabalho infantil. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET. (coleção ABET – Mercado de Trabalho).